

DO MINHO AO ALGARVE: PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UMA REDE DE TURISMO LITERÁRIO PARA A ZONA COSTEIRA

FROM MINHO TO ALGARVE: PROPOSAL TO ESTABLISH A NETWORK OF LITERARY TOURISM FOR COASTAL ZONE

Maria Mota Almeida - PhD,
Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Estoril
Av. Condes de Barcelona, nº 808
2769-510 Estoril, Portugal

Morada para correspondência: Rua José Régio – 172
2775-779 Carcavelos

Tf. 966353736

mariamotal@gmail.com

Curriculum síntese

- Licenciada em História pela Faculdade de Letras de Lisboa, pós - graduada, Mestre e Doutorada em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Professora Adjunta (equiparada) na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- Membro do Comité Científico do TMS – Tourism & Management Studies International Conference - Algarve 2013
- Membro do Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED) - Grupo de Investigação Sociomuseologia, Cultura e Património.
- Faz investigação na área de: património; museologia; educação e turismo.

RESUMO

Pretende-se com este artigo propor a criação de uma rede de turismo literário para a zona costeira. Esta proposta justifica-se, em nosso entender, pela existência de abundante literatura que versa o litoral português. Além disso, acreditamos que o trabalho colaborativo/participativo, em rede, é enriquecedor pela possibilidade de partilha, permitindo diferentes perspectivas e abordagens, pelo melhor conhecimento que a comunidade tem da realidade local, bem como da maior facilidade em implementar ações que visem a sua viabilidade. Ora, se estivermos a trabalhar sobre um território mais abrangente, conseguimos que os ‘peregrinos literários’, ao deambular pela costa, fiquem com uma visão mais ampla do nosso país, prolonguem a sua estadia ajudando a combater a sazonalidade, contribuindo para um turismo sustentável.

PALAVRAS CHAVE

Turismo literário, Turismo cultural, Identidade cultural, trabalho em rede, sustentabilidade.

ABSTRACT

This article proposes the creation of a network of literary tourism in the coastal zone. This proposal is justified, on our point of view, by the existence of abundant literature about the Portuguese coast. Furthermore, we believe that the collaborative / participatory network enriches the possibility of sharing, allowing different perspectives and approaches, by better understanding the community's local reality as well as the ease to implement actions aimed to their viability. Now, if we are working over a wider territory, we think that 'literary pilgrims', when walking along the coast, will get a broader view of

our country, extending their stay by helping to reduce seasonality, contributing to the sustainability.

KEYWORDS

Literary Tourism, Cultural Tourism, Cultural Identity, Networking, Sustainability.

Introdução

“ E por toda a costa é a mesma família, é o mar que os liga. Talvez por todo o mundo seja a mesma família. Variam nos trajes, nos costumes, mas são os mesmos. A voz cantada vem-lhes da voz do mar, as atitudes vêm-lhes da luta com as ondas, com aquele ‘mar sagrado’. Têm diante o mesmo deserto onde há tesouros escondidos e por onde vagabundeiam todos os dias, todas as noites que ele deixa, para a mesma luta sem fim, a mesma esperança sem fim, as mesmas tragédias, as mesmas alegrias.” (Fonseca, 1952/2010, p.76)

O presente artigo visa propor a criação de uma rede de turismo literário para a zona costeira. Esta proposta justifica-se, em nosso entender, quer pela existência de abundante literatura que versa o litoral português, quer ainda porque, e seguindo Branquinho da Fonseca, no excerto acima, possibilitar-nos-ia perceber/apreender traços comuns, nessa grande família unida pelo mar, fonte de subsistência e de angústia, mas igualmente de prazer, de libertação, de terapia... Temos uma ampla zona costeira, que por vezes aferrolha ou, simplesmente, silencia muitas histórias que urge divulgar, através de um trabalho persistente, consistente, integrado e integrador num todo nacional, incluindo as ilhas dos Açores e Madeira.

Acreditamos que o trabalho colaborativo / participativo, em rede, é enriquecedor pela possibilidade de partilha, permitindo diferentes perspetivas e abordagens, numa visão que funcionará num movimento que se pretende biunívoco do local para o global e do global para o local. Ultrapassando as ‘fronteiras’ geográficas, pretende-se dar funcionalidade e coesão a um produto turístico – cultural ‘inovador’, criando uma rede bem urdida de relações que se ancoram, em primeiro lugar, na comunidade para depois

se estenderem ao território. Na comunidade, dinamizado por uma instituição cultural local: museu, centro cultural, associações, escolas, etc. etc., repousa o motor de todo este processo, pelo melhor conhecimento que detêm da realidade patrimonial local, bem como da maior facilidade em implementar ações que visem a viabilidade de um ou vários itinerários,

Ao tentar unir o litoral através dos conteúdos literários podemos optar por estudar apenas um autor para cada localidade, ou vários autores para a mesma localidade e, a partir daí, fazer um levantamento que nos permita construir, de forma sustentada e fundamentada, itinerários. Itinerários estes que serão, certamente, enriquecidos se diversificarmos fontes incluindo, por exemplo, fotografias, textos jornalísticos, pinturas, filmes, vídeos que funcionarão por associação com a obra literária.

Ao trabalhar sobre um território mais abrangente, conseguimos que os ‘peregrinos literários’, quer nacionais, quer estrangeiros, deambulando pela costa, fiquem com uma visão por um lado mais ampla e, por outro mais concreta, particularizada e individualizada do nosso país, prolonguem a sua estadia, ajudando a combater a sazonalidade, contribuindo para um turismo sustentável.

1 – SUSTENTABILIDADE, TRABALHO EM REDE, ‘VIAGENS LITERÁRIAS’,

“Nós não herdámos a terra dos nossos pais, pedimo-la emprestada aos nossos filhos.” (United Nations World Conservation Strategy, 1980)

“Não somos nem universalistas nem particularistas, vivendo, ao contrário, num mundo em que o particular se universaliza e o universal se particulariza.” (Fortuna, 1999, p.139)

Portugal encontra-se na encruzilhada de três continentes e das grandes rotas de navegação mundial, em íntimo convívio com o mar e com o património a ele associado. Como qualquer outra área patrimonial, este também não nos pertence, apenas o temos por empréstimo, com a obrigação de o preservar para as gerações seguintes. Os impactos físicos e ambientais do turismo, especialmente de massas, que podem ser observados nas elevadas pressões urbanísticas, muitas vezes desordenadas, com crescimentos populacionais marcados por uma forte sazonalidade, não têm apenas consequências na transformação da morfologia da costa mas, também, na qualidade de vida da comunidade local que, directa ou indirectamente, depende dos recursos locais. A questão da sustentabilidade, vai ser objecto de preocupação, especialmente a partir dos anos 80, com a Conferência de Manila, primeira conferência da Organização Mundial de Turismo sobre Turismo Nacional, cuja tónica foi colocada na necessidade de promover o turismo interno, com base na diversificação dos produtos turísticos, valorizando-se o património natural, histórico e cultural. Ao mesmo tempo, promove-se a protecção e preservação do meio ambiente bem como dos restantes patrimónios. Oito anos depois, a Declaração de

Tamanrasset (Argélia) “inaugura um discurso radicalmente diferente, construído palavra por palavra contra o turismo de massas” (Joaquim, 1997, p.82) alertando, de uma forma muito assertiva, para os efeitos nefastos de uma utilização intensiva e predadora do património por esse tipo de turismo, valorizando-se o turismo responsável, alternativo¹, que respeite o ambiente e as comunidades. Na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, ocorrida no Rio de Janeiro em 1992, fortifica-se o conceito de desenvolvimento sustentável, procurando conciliar-se o crescimento económico - social com a proteção ambiental. Este trabalho, assegurando as necessidades atuais, não pode descurar o longo prazo, visto que desenvolvimento sustentável “é desenvolvimento que perdura, não podendo, pois, ser afectado por comportamentos assumidos no presente mas cujas consequências principais venham a ser sentidas apenas no futuro, pondo em causa o bem estar das gerações vindouras.” (Costa, 2000, p.2). Nesta conferência reconhece-se a capacidade do sector do turismo, além de criar benefícios económicos, contribuir de forma substancial para o desenvolvimento sustentável. Já no início do séc. XXI, na Conferência de Joanesburgo (2002) reafirma-se o desenvolvimento sustentável como prioridade central ao nível internacional. Esta noção, transposta para o processo de desenvolvimento do turismo, pode ser aplicada na sua dimensão económica, social, ambiental, de identidade cultural, etc. (McIntosh et al, 2002, p.361). A sustentabilidade implica, por um lado, a sua aplicação à dimensão territorial nos destinos turísticos, visto que “ [...] o desenvolvimento sustentável é um

¹ Apesar de não se enquadrar na temática que estamos a trabalhar, torna-se pertinente alertar para a ambiguidade dos conceitos que num contexto de boas intenções são criados e aplicados sem haver uma prévia clarificação e questionamento conceptual. Lanfant ao refletir sobre esta Conferência questiona-se: “‘turismo alternativo’ soa bem. É bonito! [...] Esta fórmula é dinâmica, é mobilizadora; suscita imaginação. [...] A partir do momento em que se trata de definir uma nova estratégia política, a questão da sua definição coloca-se. [...] encontramos-nos rapidamente num campo de implicações duvidosas. [...] O turismo alternativo tem vindo a tomar sentido no interior de um dispositivo simplificador, constringido e normativo.” (Joaquim, 1997, p.87)

processo orientado que contempla uma gestão global dos recursos com o objectivo de assegurar a sua durabilidade, permitindo conservar o nosso capital natural e cultural [...]” (Carta do Turismo Sustentável, 1995, artº1) e por outro à dimensão empresarial nas empresas de turismo.

A cultura, constituindo-se indubitavelmente como factor de diferenciação de destinos, é primordial para os modelos de desenvolvimento territorial. O turismo cultural, onde Cunha insere “as viagens provocadas pelo desejo de ver coisas novas, de aumentar os conhecimentos, conhecer as particularidades e os hábitos doutros povos, conhecer civilizações e culturas diferentes, do passado, do presente, ou ainda a satisfação de necessidades espirituais (religião)” (2001, p.49), é considerado pelo PENT (2012) como um dos produtos estratégicos nacionais, revestindo-se de uma pluralidade de modalidades: percursos integrados em *tours* temáticos, ou não, rotas ou circuitos de duração variável, concretizados em viagens organizadas ou autónomas. A riqueza, variedade, diversidade e peculiaridade da cultural nacional são uma mais valia que, consideramos, não obstante o trabalho que tem sido feito no sentido da sua rentabilidade, dever ser ainda mais aprofundada, como nos alerta, mais uma vez, a Carta do Turismo Sustentável (1995) no artº3º quando considera que o “reconhecimento destes fatores locais e o apoio à sua identidade, cultura e interesses, devem ser referências obrigatórias na formulação das estratégias turísticas.” Deve continuar a investir-se na criação de uma multiplicidade de produtos e serviços turísticos inovadores e diversificados fomentando deste modo a criação de condições favoráveis para a descoberta, exploração, conhecimento e fruição das localidades.

Neste sentido, torna-se essencial uma boa gestão do turismo e uma diferenciação dos produtos turísticos no sentido de garantir a sustentabilidade dos recursos que o sustentem. Situação que implica o maior envolvimento dos atores locais, o fortalecimento do sentimento de cidadania, onde a comunidade de acolhimento será sempre considerada como o maior ‘agente’ em todo o processo de planeamento turístico. Comunidade esta, imbuída nos alicerces em que se construiu, constrói e reconstrói e que se fundam necessariamente no seu passado, numa valorização do presente e abrindo frestas de oportunidade para o futuro. A gestão dos recursos envolve, pois, uma administração cuidadosa e criteriosa em que “[...] as necessidades económicas, sociais e estéticas devem ser satisfeitas mantendo a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais, a diversidade biológica e os sistemas de suportes vitais” (OMT,1998), preservando a identidade territorial das populações, favorecendo o desenvolvimento endógeno. Ora este ‘modelo’, que recusa a orientação ‘de cima para baixo’, implica um empenho e determinação no seio da comunidade necessitando que alguém assuma a iniciativa organizativa e seja ‘motor’ de congregação dos esforços/anseios e necessidades da população com vista à sua divulgação e atração no plano turístico. Trata-se, sempre, de melhorar o nível de vida da população de cada localidade, mobilizada pela capacidade local de liderança, numa articulação que, pensamos, ser mais enriquecedora se vinculada com o todo nacional.

A rota temática que propomos depende, numa primeira fase, do empenho e dinamização das instituições / comunidades locais, para, logo de seguida, implicar um trabalho em rede inter-municipal, tal como teremos oportunidade de explicitar na metodologia. Considerando que a rede é “um conjunto de nós interligados” (Castells,

1996/2007, p.606) capazes de organizar pessoas e instituições e de se expandir de forma ilimitada, afigura-se-nos, o trabalho em rede, tal como referido na introdução, como o mais indicado pelas vantagens que apresenta a nível turístico, rentabilizando os recursos existentes. Acrescente-se que, na revisão do objetivos do PENT de 2007, publicado em 2012, desenvolvido para o horizonte temporal 2013-15, o tema respeitante ao Programa de *Conteúdos e Experiências*, prevê, como uma das actividades, aquela que defendemos: “Promover a sensibilização e articulação dos atores na identificação e conhecimento dos recursos, atrativos e atividades de base regional, bem como das rotas e percursos que os ligam em rede” (p.61). De uma forma mais detalhada, seguindo o *Community Assistance Center* (1999), citado e adaptado por Monteiro & Deville, o trabalho em rede:

- “Cria influências políticas: Eleitos locais/grupos de interesse mostram especial propensão para resolver problemas em conjunto
- Cria redes de suporte: Evita a duplicação de gastos e a competição por verbas/investimentos
- Promove o trabalho em equipa: Aumenta a auto-estima da comunidade e a coesão sócio-económica do território
- Cria sinergias: Possibilita a atração e retenção de investimentos
- Promove a partilha de recursos limitados: Partilhar custos/fundos em programas de desenvolvimento é mais proveitoso do que investimentos separados
- Aumenta a credibilidade dos programas: Programas com mais pessoas e entidades envolvidas aumentam de credibilidade perante investidores externos
- Promove a partilha de responsabilidades: Maior rapidez do projecto
- Permite atingir dimensões críticas: Fomenta o aparecimento de novos e melhores

projectos

- Aumenta a eficiência dos serviços: Elimina a duplicação de esforços e reduz a competição” (2007, p.5)

Ao suplantando a fragmentação dos saberes e dos saberes-fazer, articula os participantes na procura de um objectivo comum, potencializando e otimizando o seu trabalho, muito facilitado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação. Assim, a organização de uma rede temática em torno da literatura associada ao mar pretende ultrapassar fronteiras físicas e geográficas, ser multifacetada, pugnando pela heterogeneidade ao utilizar os recursos locais e, ao mesmo tempo, retirar-nos da nossa ‘zona de conforto’, criando aberturas que contrariem a resistência à inovação, à mudança e ao trabalho colaborativo que, por vezes, teimam em se perpetuar.

O turismo literário, componente do turismo cultural, vai valorizar os locais dos textos ficcionados e a vida dos seus autores, estabelecendo uma ligação entre a produção literária e artística de um determinado autor e quem visita a localidade. Esta forma de conhecer insere-se na preocupação de orientar o turismo no sentido da diversificação de segmentos e componentes da atividade turística, acompanhados de uma maior exigência do turista em termos de qualidade, diversificação de produtos e personalização de serviços. Neste início de século caracterizado pelo “turismo híbrido” (Santos, 2002), o turista integra espaços aparentemente afastados da lógica turística, autonomizando-se de uma organização rígida dos seus próprios trajetos em que a memória, passado e herança são requisitos de uma experiência turística gratificante, não se deixando deslumbrar pela exclusividade do pacote de turismo “sol e praia”, tão característico de um turismo de massa. Assim, o “Turismo [...] começa a fundir-se, a desdiferenciar-se de outras

actividades sociais e culturais, sugerindo que as pessoas são turistas cada vez a maior parte do tempo, num quadro de progressiva erosão dos marcos espaço-temporais convencionados como turistas.” (Santos, 2002, p.315).

2 - ESTUDO DE CASO

2.1 – METODOLOGIA

Um projecto desta natureza, enquadra-se no chamado ‘estudo de caso’, que deve ser usado quando se pretende compreender situações com algum grau de complexidade, onde estejam simultaneamente envolvidos diversos factores e atores, permitindo-nos estudar o fenómeno no seu próprio contexto. Pode, também, ser considerado um ‘estudo de caso’, porque implica uma pesquisa aprofundada e intensiva visando compreender não apenas a singularidade mas, igualmente, a globalidade do objecto de estudo e, ainda, porque não podemos exercer controlo sobre os acontecimentos. De acordo com Ponte, o ‘estudo de caso’:

“É uma investigação que se assume como particularista, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.” (Ponte, 2006, p.2)

Neste caso, a situação específica prende-se com o aprofundamento de uma temática local, que se pretende divulgar, com a construção de itinerários que têm, como ponto de partida, a obra literária. As fontes a utilizar podem ser umas ou múltiplas, trabalhadas diacrónica ou sincronicamente. O processo de recolha de dados, de natureza

qualitativa, será operacionalizado em diferentes etapas. Como hipótese e metodologia de trabalho, propomos que a investigação se desenrole de acordo com as seguintes fases:

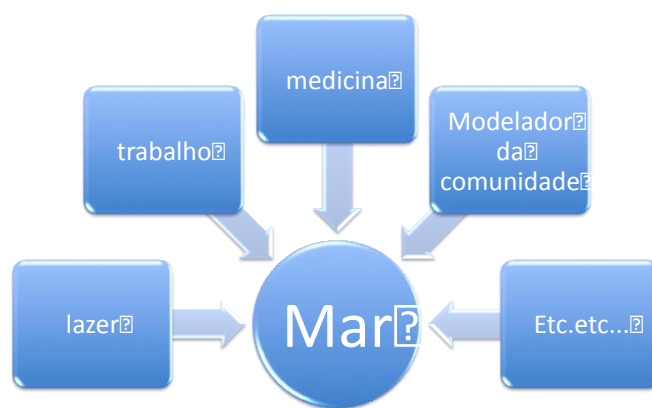
- Levantamento, nas obras selecionadas, das referências que nos permitam caracterizar as localidades e sustentar um itinerário literário. A pesquisa no texto pode abarcar informação tão diversa como por exemplo: a relação do homem com os recursos fonte de subsistência; a identificação de personagens e acontecimentos e vivências ligados ao quotidiano quer de trabalho, quer de lazer; a caracterização do património natural e cultural; a descrição da paisagem; a relação entre os membros da comunidade; a relação com elementos de outras comunidades; a gastronomia; os instrumentos de trabalho utilizados; a inventariação de espécies animais; a identificação dos topónimos ficcionais ou não, e respectivos significados, etc. etc.
- levantamento de fotografias, de obras pictóricas e de filmes de época que complementem e/ ou enriqueçam a visualização do texto e que possam acompanhar o itinerário;
- Leitura de bibliografia complementar que permita uma maior apreensão da evolução da localidade para melhor podermos contextualizar a obra;
- Várias visitas ao local: as primeiras, tendo como objetivo sondar e levantar a informação existente, recorrendo a fontes escritas e orais; as visitas posteriores destinar-se-ão a analisar a exequibilidade do itinerário delineado;
- Reuniões inter-municipais com o objectivo de criar um produto com alguma similitude, coerência e exequibilidade, que se transforme numa ‘carta de visitas’

aglutinadora, sobretudo a nível gráfico, para que seja facilmente identificável pelo turista;

- Possibilidade de realizar pequenos documentários que retratem as vivências, as interações entre os membros da comunidade e entre estes e o seu património que poderão servir de introdução / motivação ou de síntese dos itinerários.
- Redação final, edição e divulgação do Itinerário;

No final, dever-se-ia fazer um trabalho comparativo,² partindo de uma grelha temática, extensiva a todas as localidades tratadas, no sentido, quer de encontrar denominadores comuns, quer diferenças. Como hipótese, partir-se-ia de uma caracterização dual: o mar e terra.

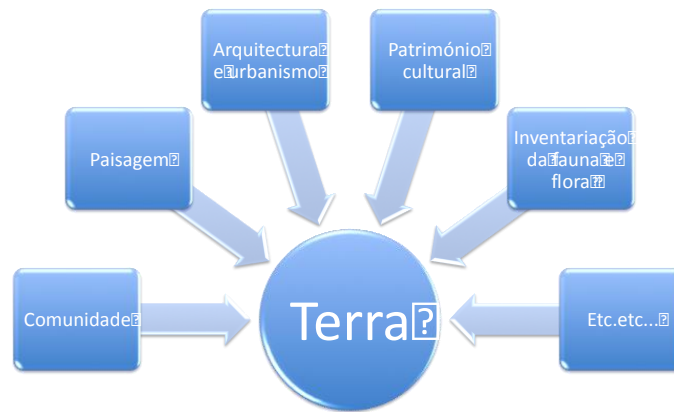
Quadro 1 – caracterização do mar



Elaboração própria, 2013

Quadro 2 – caracterização da terra (localidade)

² Onde incluiria, por exemplo, o caso de Olhão com o trabalho de Quinteiro e Henriques (2011 e 2012) a partir de João Lúcio e Raul Brandão.



Elaboração própria, 2013

3 – APLICAÇÃO DA METODOLOGIA ENUNCIADA EM DOIS ITINERÁRIOS POSSÍVEIS: NAZARÉ E SINES

“L’espace touristique, c’est avant tout une image. Image que s’en font les touristes, qu’en donnent les organisateurs de vacances. Image que perçoivent avec inquiétude parfois, toujours avec surprise, les populations autochtones. Image complexe, rêve, refleté par les affiches, les guides, les dépliants, les peintures, les livres, les films. Image et évocation qu’en rapportent et colportent les touristes. Evocation d’odeurs, de sons, de sensations.” (Miossec, 1977, p.55)

O espaço turístico, construído como imagem, entendido como uma construção mental, impressiva, cognitiva, vinculada aos elementos tangíveis do ‘destino’ literário apresenta múltiplos sentidos, múltiplas leituras e múltiplas fontes de informação que, coordenadas e entrelaçadas, enriquecem a ‘viagem’ possibilitando a permanente (re)leitura dos espaços. Partimos, neste trabalho, de duas localidades, uma vila, outra cidade, que distam entre si cerca de 250 kms, localizando-se a Nazaré, na região Centro, e Sines, no Alentejo Litoral, e irão servir de exemplo do trabalho que se poderia fazer

para a implementação de uma rede de itinerários literários que englobasse as localidades costeiras nacionais. Estes itinerários partem de textos, que não sendo considerados literatura de viagens, permitem fazer viagens literárias. Os autores dos textos estudados, recriam espaços, ‘histórias’ e contornos geográficos dos lugares, com uma forte componente de perpetuação da história, da memória, da herança, da cultura, das tradições, das vivências, dos afectos, das relações dentro da comunidade, dos usos e costumes, da gastronomia, da melhor e maior compreensão da interação do homem com a paisagem, da forma como explora os recursos naturais, das técnicas utilizadas, enfim, da forma como organiza o seu quotidiano. Este ‘retrato’ foi complementado com fontes diversificadas que incluíram fotografias, pinturas, artigos de periódicos permitindo complementar e, por vezes, aprofundar as informações veiculadas pelos textos literários. Optámos por apresentar duas abordagens diferenciadas.

Relativamente à vila da **Nazaré**:

- partimos da novela *Mar Santo* da autoria de António José Branquinho da Fonseca, escrito em 1947 e publicado em 1952 e fizemos um roteiro com uma ênfase mais sincrónico: retratar a Nazaré nos anos 40 e em 2013. Note-se que não estamos a trabalhar sobre um ‘livro de viagens’ mas sobre uma obra de ficção, em que o autor nos conta uma história, empática e humana, onde o espaço geográfico serve de pano de fundo da ação e nos remete para a Nazaré dos anos quarenta, não na vertente de vilegiatura mas na da pesca como, quase, único sustento. Um trabalho semelhante poder-se-ia fazer com o romance de Alves Redol, *Uma Fenda na Muralha*, que retrata o quotidiano nazareno de finais dos anos 50 (o livro data de

- 1959) contextualizado através de uma viagem que o escritor fez a bordo de um barco de pesca numa altura em que o mar e o vento estavam perigosamente fortes.
- fizemos um levantamento exaustivo de todos os elementos que nos permitissem caracterizar a Nazaré, posteriormente catalogados temática e espacialmente.
 - Consultámos exaustivamente o espólio do escritor que se encontra depositado no Arquivo Histórico Municipal de Cascais para perceber quer a sua relação com a Nazaré, explicita na abundante epistolografia aí existente, quer a dimensão e a profundidade da investigação e trabalhos preparatórios da novela.
 - Procedemos, em seguida, a um levantamento de material fotográfico, contemporâneo do *Mar Santo*, quase exclusivamente de um fotógrafo local, Álvaro Laborinho, espólio este, pertença do Museu Dr. Joaquim Manso, que nos permitiu ‘ilustrar’ a escrita.
 - Delineámos um itinerário pelos diferentes patrimónios que compõem a Nazaré e que o autor aborda na sua obra, que foi verificado *in situ*.
 - Procedeu-se a uma reinterpretação hodierna, eivada de memórias, afetos e vivências, pelo ‘olhar’ fotográfico de Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira, neto do autor.

Apresentamos, em seguida, o exemplo do início de um itinerário possível em que integrámos a obra literária, as fotografias da época e a leitura atual da Nazaré, feita pelo neto do autor.

Figura 1 –Fragmento de um itinerário na Nazaré

Iniciemos a viagem à Praça Sousa Oliveira: Um sol tróico enéido, reflectido com dureza nas paredes brancas, lavava as cores vivas dos barcos amontoados entre as casas, a Praça que era uma localidade em água.” (p.11)

Barcos na Praça (anos 30)



Fonte: cedido em maio, 2013
<http://www.valadofrades.com/2011/12/barcos-na-praca-nazare.htm>

Foto: Luís Branquinho, Nazaré, 2013

[...] a larga praça, rodeada de pequenas casas, estava alinhada de barcos, alegres nas suas cores berrantes e confiados em seus nomes: Santa Maria, Adelaide, Teófilo, Gertrudes do Coração, Senhor Bom Despacho, Astuta, São Bennadito.” (p.50/51)

No

que

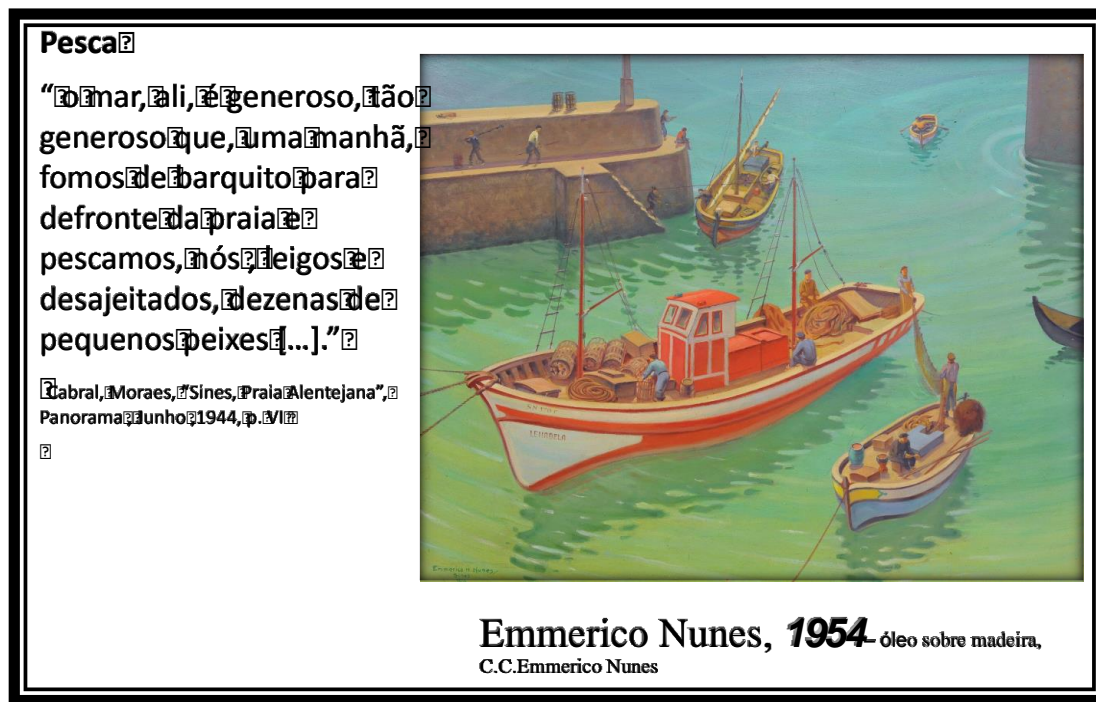
respeita à cidade de Sines:

- fizemos um trabalho com um pendor diacrónico em que cruzámos as informações inclusas nas obras de linguagem literária e jornalística, com a obra pictórica.
- Procedemos a um levantamento exaustivo de todas as fontes que retratassem a localidade nas suas vivências e relação com o mar, posteriormente organizadas temática e temporalmente;
- Procedemos, em seguida, a um levantamento da obra pictórica que nos possibilitou ‘ilustrar’ a escrita.
- Conseguimos reunir informação que nos permitiu caracterizar a localidade desde o séc.XVIII, através da escrita começando com Estevão de Lis Velho (1746), continuando com Francisco Luís Lopes, Cláudia de Campos, Raul Proença, Júlio Gomes da Silva, Moraes Cabral, Al – Berto, Alice Vieira, António Mega Ferreira e Álvaro Duarte Almeida

- A escrita foi ‘enredada’ com a pintura, mas apenas a partir da primeira metade do séc. XX, visto não existirem registos anteriores. Deste modo, acompanhámos Emmerico Nunes, Maria de Lourdes de Mello e Castro, Álvaro Perdigão, Nikias Skapinakis e Graça Moraes;
- As revistas *Ilustração Portuguesa*, *Panorama* e *Life*, bem como os periódicos locais, forneceram um manancial de informação notável;
- Delineámos um itinerário pelos diferentes patrimónios que compõem Sines, de acordo com as fontes consultadas, que foi verificado *in situ*;
- Poder-se-ia ainda cruzar todas as informações recolhidas, quer com as fotografias existentes quer com os filmes de época.

Eis um exemplo do cruzamento da pintura com um texto jornalístico que faz parte do itinerário, por nós, delineado para Sines:

Figura 2 – Fragmento de um itinerário em Sines



As dimensões explanadas supra, permitem-nos apreender e aplicar uma diversidade de abordagens que possibilitam a execução e o enriquecimento dos itinerários tendo por base a literatura, complementada com outras fontes no domínio das artes. Este trabalho, em nossa opinião, humaniza as localidades, pela componente humana e afectiva envolvida, permitindo um turismo responsável em que são minimizados os impactos sociais, ambientais e culturais.

Uma feliz coincidência fez com que, ao terminar este trabalho, estivéssemos a ouvir, na Antena 1, uma entrevista com o actual vereador da Cultura da Câmara Municipal do Porto, Paulo Cunha e Silva. Ao explicar o seu projecto de política cultural autárquica defendeu a imprescindível articulação da mesma com a cidade e implantação no território. Um dos projectos, muito simples, segundo o próprio, intitulado ‘Caminhos da Criação’, consiste em conceber uns mapas, com os múltiplos caminhos que se podem fazer pela cidade, partindo de um conjunto de referências incrustadas no tecido urbano. Podem-se delinear roteiros com base na ciência, literatura, arquitectura, etc. etc. porquanto, em sua opinião, “A cidade dos percursos é muito mais interessante que a cidade dos lugares” (Silva, 2013).

Era este, exactamente, o contributo que gostaríamos de deixar: a criação de ‘percursos’ nas localidades que, integrando os ‘lugares’, permitam uma ‘viagem’ menos fragmentada e dispersa e, quantas vezes, encenada, valorizando o contacto mais directo e espontâneo com as comunidades de acolhimento.

CONCLUSÃO

Neste artigo procurámos apresentar um contributo para a elaboração de uma rede nacional de itinerários literários relacionados com as comunidades do litoral, que, conjuntamente e/ ou em articulação com outros já existentes, consigam contar uma ‘história’ ou ‘histórias’, contribuindo para valorizar o pendor identitário das localidades, integradas numa leitura holística que tanto pode ser nacional como, igualmente, internacional.

Baseámo-nos em dois estudos de caso já ensaiados: Nazaré e Sines onde, partindo de uma metodologia similar, conseguimos duas abordagens diferentes. No primeiro caso um itinerário que se debruçou sobre uma obra, logo sobre uma época, com uma posterior incursão no séc. XXI e, no segundo caso, uma abordagem diacrónica consequência do cruzamento de uma maior diversidade de fontes. A associação com a imagem: fotografia

ou pintura, afigura-se-nos não apenas enriquecedora pela informação inerente à mesma como, igualmente, crucial enquanto factor de atratividade turística, sendo muitas vezes, a imagem, o factor decisivo na escolha de uma viagem.

Numa época em que existe uma grande apetência pelo “personalizado em vez do padronizado e o individual em vez do massificado” (Brito, B.R., 2000, p.3), a diversificação de ofertas turísticas, na área do turismo cultural, permite uma optimização e gestão mais apropriada dos recursos contribuindo para a sustentabilidade do turismo.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, Á. D., & Belo, D. (2007). *Portugal Património – Guia Inventário* (Vol. VI). Lisboa: Círculo de Leitores.

Almeida, M. M. (2001). Nazaré. In *Enciclopédia Verbo / Edição Séc. XXI* (Volume XX, pp. 1131 - 1135). Lisboa: Enciclopédia Verbo.

Almeida, M.M. (2013). Sines, entre a terra e o mar: um percurso patrimonial. In *Atas do 3º Encontro de História do Alentejo Litoral*. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes, p.134 a 142

Almeida, M.M. Vamos assomar ao muro da praia: a ver o mar. In *Atas do 4º e 5º Encontro de História do Alentejo Litoral*. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes (no prelo)

Almeida, M.M. & Branquinho, L. (2013). (Re)visitar a Nazaré através do *Mar Santo* de Branquinho da Fonseca: contributo para a renovação do Turismo Literário. In Santos, M., Serra, F., Santos, J., Águas, P., *Desenvolvimento e Planeamento em Turismo* (p.207 – 223). Olhão, TMS Algarve 2013 – Tourism & Management Studies International Conference.

Amirou, R.(1995). *Imaginaire Touristique et sociabilités du voyage*. Paris: Presses Universitaires de France.

Arquivo Histórico Municipal de Cascais, Espólio Branquinho da Fonseca, arquivos consultados: Correspondência recebida; Correspondência Expedida; Manuscritos, Datiloscritos e Provas.

Augé, M. (1997). *L'impossible voyage – Le tourisme et ses images*. Rivages Poche Petite Bibliotheque. Paris: Éditions Payot & Rivages.

Augé, M. (2001). *Rapports entre Tourisme, Culture et Territoire*. Turisme i Cultura. Debats del Congrés de Turisme Cultural. (pp.21-31). Barcelona: Fundació Interarts.

Brito, B.R. (2000). O Turista e o Viajante: Contributos para a conceptualização do Turismo alternativo e Responsável. In *IV Congresso Português de Sociologia*, Coimbra

Brito, L.M. (2009). Sostiene Pereira de António Tabucchi. O papel da literatura no turismo cultural. Metodologia e construção de um itinerário pedestre a partir do romance. (Dissertação de Mestrado, em Relações Interculturais - não publicada). Universidade Aberta, Lisboa.

Butler, R. (2000). *Literary Tourism*. In *Encyclopedie of Tourism* (p. 360). London / Nova York: Routledge.

De Botton, A.(2010). *A arte de Viajar* (4ª ed.). Lisboa: D. Quixote.

Cabral, M. (1944). Praia Alentejana. In *Panorama*, nº21, Junho

Campos, C. (1898/1997). *Elle*. Sines: C.M.S.

Campos, C.(1898). Sines. In *Índia*, [s.l.]: [s.n.]. nº único, p.14-16

Carta do Turismo Sustentável .(1995). Lanzarote, Ilhas Canárias.

Castells, M. (1996/2007). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede*. Vol.I. (3ª ed.). Lisboa: F.C.Gulbenkian

Cohen, E. (1974). Who is a Tourist?: a conceptual clarification. In *The Sociological Review*, (pp.527-555). U.K: Vol.22, novembro

Costa, C.(2005). Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo (1990 -2000). In *Análise Social*, vol.XL (175), p.279-295.

Cunha, L. (2001). *Introdução ao Turismo*. Lisboa: Verbo

Cunliffe, B. (2001). *Facing the Ocean: the Atlantic and Its Peoples*. Oxford: Oxford University Press.

Ferreira, A.M.S. (2004). *Arte Maior: os contos de Branquinho da Fonseca*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Fonseca, A. J. B. da. (1952/2010). *Mar Santo*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Fortuna. C. (1999). *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais*, Oeiras: Celta Editora.

Guillaume, M. (2003). *A Política do Património*. Porto: Campo das Letras.

Henriques, C., & Quinteiro, S. (2012). Olhão Cidade de Turismo Literário: uma Realidade Longínqua? In *Revista Turismo e Desenvolvimento* (nº 17/18, pp. 1583-1596). Aveiro: Associação de Gestão e Planeamento em Turismo da Universidade de Aveiro.

Henriques, C., & Quinteiro, S. (2011). O Turismo Literário. Olhão sob a perspectiva de João Lúcio, In *Book of Proceedings* (vol. I, pp. 614-622). Algarve: Internacional Conference on Tourism & Management Studies, Special Edition.

Henriques, C. (2008). Património Cultural e Turismo: Uma Relação Simbiótica. Análise de dois percursos turístico- culturais: James Joyce e Fernando Pessoa. In *Revista Turismo e Desenvolvimento* (nº 10, pp. 25-39). Aveiro: Associação de Gestão e Planeamento em Turismo da Universidade de Aveiro.

Henriques, C. (2003). *Turismo, Cidade e Cultura – Planeamento e Gestão Sustentável*. Lisboa: Edições Sílabo.

Honey, M. e Rome, A. (2001). *Protecting Paradise: Certification programs for sustainable tourism and ecotourism*. Institute for Policy Studies. Washington: DC

Joaquim, G. (1997). Da identidade à sustentabilidade ou a emergência do “turismo responsável”. In *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 23, pp.71-100

Lew, A. A., Hall, C. M., & Williams, A. (2007). *Compêndio de Turismo*. Lisboa: Piaget.

Lundberg, D., Krishnamoorthy, M. & Stavenga, M. (1995). *Tourism Economics – Analysis of Tourism Projects*. USA: John Wiley & Sons, Inc.

McIntosh, R. W., Goeldner, C. R. and Ritchie, J. R. B. (2002). *Tourism Principles, Practices and Philosophies*. 8ª. Ed. New York: John Wiley & Sons.

Miossec J-M. (1977). L'image touristique comme introduction à la géographie du tourisme. In: *Annales de Géographie*. t.86, nº473. pp. 55-70.

Morales, F. C., & Gant, M. L. (eds.). (1998). *Patrimonio, museos y turismo cultural: claves para la gestión de un nuevo concepto de ocio*. Córdoba: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Córdoba.

- Nora, P. (1984). *Lex Lieux de Mémoire*. Paris: Gallimard.
- PENT. (2012). Plano Estratégico Nacional do Turismo. Ministério da Economia e do Emprego – Turismo de Portugal
- Pearce, D. (1981). *Tourism development*. Londres: Longman
- Pina, P. (1988). *Portugal: O Turismo no Século XX*. Lisboa: Lucidus.
- Ponte, J.P. (2006). *Estudos de caso em educação matemática*. Bolema, 25, p. 105-132.
- Proença, R. (1927/1991). *Guia de Portugal – II – Estremadura, Alentejo, Algarve*. Lisboa: F.C. Gulbenkian.
- Robinson, M., & Andersen, H.C. (2002). Beyond and between the pages: Literature and tourism relationships. In Robinson, M., & Andersen, H.C. (eds.). *Literature and Tourism: Essays in the Reading and Writing of Tourism* (pp.39-79). London: Continuum.
- Santos, D. (coord.). (2011). *Nazaré, Memória de uma Praia de Banhos* - catálogo da exposição – I.M.C./ Museu Dr. Joaquim Manso / C. M. da Nazaré.
- Santos, F. (2002/2007). *Turismo Mosaico de Sonhos – Incursões Sociológicas pela Cultura Turística*. Lisboa: Eds.Colibri
- Sardo, A. N., (2008). *Turismo Literário: uma forma de valorização do património e das culturas locais*. In Revista Egítania Sciencia (2, pp.21-41). Guarda: Instituto Politécnico da Guarda.
- Sardo, A. N. (2009). Turismo Literário: a importância dos patrimónios e dos sítios literários para o desenvolvimento turístico regional. In Simões, J. M., & Ferreira, C. C. (eds.). (2009). *Turismo de Nicho – Motivações, Produtos, Territórios* (pp. 339 – 352). Lisboa: Centros de Estudos Geográficos - Universidade de Lisboa.
- Seaton, A.V. (edit.). (1994). *Tourism – The State of the Art*. England: Wiley.
- Simões, J. M., & Ferreira, C. C. (eds.). (2009). *Turismo de Nicho – Motivações, Produtos, Territórios*. Lisboa: Centros de Estudos Geográficos - Universidade de Lisboa.
- Soares, M. (2013, Novembro, 5). *Entrevista a Paulo Cunha e Silva*. Lisboa: Antena 1
- Stake, R. (1995). *The Art of Case Study Research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications
- Tabucchi, A. (2010/2013). *Viagens e Outras Viagens*. Lisboa: D. Quixote

Tribe, J. (2003). *Economia do Lazer e do Turismo*. Manole Editora, Lda, 2ª Edição

Trindade, J. & Pentead, P. (2001). A Nazaré e os seus Pescadores: entre as representações sociais e novas leituras histórico antropológicas. In *Revista Oceanos* (47/48). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Turismo de Portugal, (s.d). 10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal – Touring Cultural e Paisagístico, Lisboa, M.E.I.

Turismo de Portugal, (2007). Plano Estratégico Nacional do Turismo - Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal, Lisboa, M.E.I.

Urry, J. (1990). *The tourist gaze*, Londres, Sage

Urry, J. (1990). *Consuming Places*. Londres. Routledge

WEBGRAFIA

Barretto, M. (2009). Turismo y cultura. Relaciones, contradicciones y expectativas. In PASOS - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural (nº1) retirado de www.pasosonline.org/Publicados/pasosedita/PSEdita2.pdf

Camprubí, R., Guia, J., & C., Jordi (2009). La formación de la imagen turística inducida: un modelo conceptual. In PASOS - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural (Vol. 7, Nº2, pp. 255-270). Retirado de <http://redalyc.org/articulo.oa?id=88111635008>

Canclini, N. (1999), Los usos sociales del patrimonio cultural. In E. A. Criado(org.), Patrimonio Etnológico. Nuevas Perspectivas de Estudio (pp. 16-33). Sevilla: Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico, retirado de <http://www.scribd.com>

Carta Internacional sobre o turismo cultural, ICOMOS, (1999, Outubro 17 a 23). Cidade do México. retirado de <http://www.igespar>.

Costa, C. (2005). Turismo e Cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo (1990-2000). In *Análise Social*, (vol. XI – 175 - pp. 279-295). Retirado de: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000325732005000300002&lng=pt&nrm=iso. ISSN 0003-2573.

Costa, J.M.A.R. (2000). As Autarquias Locais e desenvolvimento Sustentável. In IV Congresso Português de Sociologia. Retirado de: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462df0411871e_1.PDF

Community Assistance Center (1999). Learning to lead: a primer on economic development strategies. 9:Partnerships. URL: <http://edd.cted.wa.gov/cac/learnlead.htm> (acedido em).

Herbert, D. (2001). Literary Places, Tourism and the Heritage of Experience. In *Annals of Tourism Research* (vol. 28 -2 -, pp.312-333). Retirado de www.tlu.ee/~kpata/uusmeedia/literaryplaces.

Miossec, J. M. (1977). L'Image Touristique comme introduction à la Géographie du Tourisme. In *Annales de Géographie*, (p. 55-70). Retirado de [ww.persee.fr/.../spgeo_0046-2497_1977_num_6_1](http://www.persee.fr/.../spgeo_0046-2497_1977_num_6_1).

Pérez, Xerardo Pereiro. (2009). Turismo Cultural – uma visão antropológica, In *PASOS - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural (Nº2)*. Retirado de www.pasosonline.org

MatrizNet - catálogo colectivo on-line dos Museus do Ministério da Cultura, tutelados pelo Instituto dos Museus e da Conservação (atualmente Secretaria de Estado da Cultura). consultado em <http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/home.aspx>

Monteiro, I., Deville, E.(2007). A necessidade do trabalho em rede no desenvolvimento turístico das regiões: o modelo das Aldeias do Xisto, *III Congresso Internacional de Turismo*, Peniche, ITC, consultado em http://cassiopeia.ipleiria.pt/esel_eventos/files/3902_07_IvaniaMonteiro_4bf50e05669e8.pdf